

A FALANGE HOPLÍTICA ARCAICA NAS ELEGIAS DE TIRTEU

Luciene de Lima Oliveira *

Resumo: o presente artigo tem por escopo focar o combate em massa, isto é, a falange hoplítica arcaica. As causas que teriam contribuído para o surgimento desta nova forma de combate são obscuras; para uns, o surgimento da falange poderia estar ligado à transformações sociais; para outros, à transformações técnicas. Para exemplificar o combate em massa, foram utilizados, principalmente, os versos do poeta elegíaco Tirteu, que alcançou a *akmé* na segunda metade do século VII a.C. Tirteu compôs elegias, em sua maioria, parenéticas de tom guerreiro. Depreende-se das elegias 10 W, 11 W, 12 W, 19 W, 20 W e 23 a W que a tática guerreira era, sobretudo, a da falange hoplítica. Vale ressaltar que esse combate em massa encontra seu prenúncio já em Homero. Assinale-se, então, certo vínculo entre o “poeta de Esparta” e o texto homérico.

Palavras-chave: Falange Hoplítica; Guerra; Equipamentos Bélicos; Tirteu; Homero

Na Grécia Arcaica, denominava-se falange à tropa de infantaria disposta em várias fileiras, geralmente, oito, à maneira de um retângulo cerrado, que tinha por objetivo pressionar o inimigo e garantir o preenchimento dos espaços vazios, de modo a formar um grupo compacto.

Os guerreiros, prensados uns contra os outros, protegidos por escudos que se apoiavam uns nos outros e com elmos se tocando, constituíam um verdadeiro *hérkos*, isto é, uma densa *muralha*, como bem exemplificam os versos 29 a 34 do fragmento 11 W do poeta espartano Tirteu¹:

29 Mas cada um indo perto, ferindo no corpo a corpo com uma grande
lança ou espada, mate o guerreiro inimigo;
colocando pé junto de pé e apoiando escudo contra escudo,
e penacho em penacho e capacete em capacete,
e aproximando peito de peito, combata contra o inimigo
segurando ou o punho da espada ou uma grande lança. (11 W, 29-34)

* Mestre em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (PPGLC) da UFRJ. Atualmente, é Professora Substituta de Língua e Literatura Grega do Instituto de Letras da UERJ. E-mail: oliveira-ll@uol.com.br

¹ Tirteu foi, ao que parece, contemporâneo da Segunda Guerra Messênia. Na verdade, houve duas guerras entre Messênia e Esparta. Campbell afirma que é difícil estabelecer a cronologia das duas guerras. Costuma-se, contudo, fixar o período da primeira guerra em torno da segunda metade do século VIII a.C., mais precisamente entre 735 e 715 a.C.; já, a segunda guerra teria durado, aproximadamente, vinte e dois anos, na segunda metade do século VII a.C., por volta de 640-50 a.C. (CAMPBELL, 1967: 169). Embora os Messênios tivessem sido subjugados pelos espartanos, havia sempre a iminência de uma revolta.

Esses versos supracitados de Tirteu nos dão algumas indicações acerca da formação hoplítica.

A distância entre os combatentes era de menos de um metro, de sorte que um exército, por exemplo, de dez mil homens, estendia-se por cerca de 2,5 km (GARLAN, 1993: 59).

Com essa tática de guerra, aparece um novo tipo de combatente: o hoplita, guerreiro de infantaria pesada, equipado com um escudo circular, com 80 a 90 centímetros de diâmetro, feito de bronze ou de uma mistura de madeira, vimes e peles. *Hóplon* era o nome desse escudo e é dele que provém a designação hoplita, *hoplites*.

Supõe-se que esta nova forma de combate se tornou rotina no mundo das *pólis* gregas no decorrer no século VII a.C.

Não há, contudo, unanimidade entre os helenistas acerca das causas que motivaram o surgimento da falange, preferem uns acreditar que este aparecimento esteja ligado à inovações técnicas; outros, à transformações sociais.

Claude Mossé diz que o problema com que o historiador se debate é saber se as inovações técnicas, que resultaram na criação da panóplia hoplítica, acarretaram a adoção da falange ou se esta nova forma de combate é resultado de transformações que vieram a atingir a sociedade grega no início da época arcaica (MOSSÉ, 1984: 143).

A helenista informa também que foi, principalmente, “a descoberta de um túmulo de um guerreiro em Argos, que continha uma armadura, que sugere ser a panóplia, o equipamento bélico dos hoplitas e que faz remontar ao século IX a.C. a elaboração daquilo que deveria ser a panóplia do hoplita” (MOSSÉ: 1984: 142).

Ora, Detienne, contudo, destaca que a maior parte dos historiadores da época arcaica é unânime em destacar a importância da nova tática militar, ou seja, da falange hoplítica, e enfatizam que a função guerreira passa das mãos dos cavaleiros, dos *hippeis*, para os pequenos proprietários rurais, enfim, para todos aqueles que tinham condições de custear a panóplia, que era muito dispendiosa. Estes guerreiros, que não eram aristocratas, mas pequenos proprietários rurais, colocavam-se no mesmo nível dos possuidores de cavalos, dos nobres. Há um declínio da aristocracia e o advento do cidadão-soldado².

² Vale ressaltar que, de acordo com Nicole Loraux, no mundo homérico, a honra heróica e o canto laudatório são indissociáveis, não existe *kléos*, fama se não for cantado, entretanto, a glória do hoplita não depende de

Segundo Detienne, “são tantas transformações sociais que parecem inseparáveis do aparecimento da falange” (DETIENNE, 1999: 158-9).

Estas descobertas levaram o pesquisador Anthony Snodgrass (*apud*: Detienne, 1999: 159-160) a colocar o problema da falange em outros termos: a panóplia hoplítica não é uma invenção global do início do século VII a.C. e a reforma hoplítica não foi feita de uma hora para outra, não está ligada necessariamente a transformações políticas e sociais e não foi feita contra os aristocratas.

Lorimer, ao confrontar documentos arqueológicos e literários, concluiu que todo o armamento dos hoplitas, capacetes, couraça, escudo, grevas, foi adotado em todas as partes do mundo grego, ao mesmo tempo e em condições semelhantes. A maioria das descobertas arqueológicas põe em destaque este ponto de vista, uma vez que foram encontradas uma couraça micênica e grevas de bronze em Dendra e o escudo redondo, também da época micênica, ao lado do escudo em forma de torre ou oito³. Logo, toda uma série de peças que irá fazer parte da panóplia dos hoplitas já era atestada desde o período micênico (LORIMER, 1947: 76).

A arqueóloga inglesa pontua, ainda, que, provavelmente, o episódio de Ajax, Telamônio e Teucro (HOMERO. *Iliada* VIII, 266-274) foi o fato de maior contribuição para a perpetuação da tradição do escudo de corpo inteiro heróico, embora a proteção do arqueiro sob o escudo de Ajax seja única em Homero (LORIMER, 1947: 126). Já Kirk destaca que este tipo de escudo em forma de torre oferece a idéia que os combates, de outrora, ainda eram estáticos, e Ajax é um exemplo do grande combatente imóvel, do defensor (KIRK, 1999: 145).

Como propõe Claude Mossé, não se deve rejeitar, a princípio, qualquer uma das respostas dos estudiosos, pois, o problema parece ser bastante complexo, já que existem diferenças entre as várias cidades-estado (MOSSÉ, 1984: 142-5).

um canto do aedo, nem de uma palavra ou discurso público, *démou phátis*, a glória provém da cidade que dá ao hoplita uma fama imortal, conforme 12 W, 31-2 (LORAU, 1982: 80).

³ Ora, o grande escudo de Ajax, Telamônio, por exemplo, parecia uma torre: *sákos éúte pýrgon* (HOMERO. *Iliada* VII, 219-220); era guarnecido de sete peles de boi e revestido também de bronze. Este escudo de Ajax é uma raridade em Homero e, além do mais, os resíduos arqueológicos mostram que este tipo de escudo já havia desaparecido na época da guerra de Tróia (OLIVEIRA, 2006: 73-74).

Convém assinalar que a “guerra hoplítica” acontecia em campo aberto, mais precisamente numa planície agrícola, adaptada para o combate, sem obstáculos para não atrapalhar a formação da falange.

Era comum que as partes inimigas combinassem, como se fosse um encontro, o lugar e o dia em que a batalha deveria ocorrer. As falanges inimigas se enfrentavam debaixo de um sol escaldante, uma vez que a luta acontecia, normalmente, no verão. Como era uma tropa de infantaria pesada, a falange apresentava alguns inconvenientes, como: lentidão nas marchas, dificuldade de manusear as armas e incapacidade de evolução.

Antes do confronto, tropas levemente armadas, os chamados *peltastaí*, armados de dardos, arcos e fundas e munidos de um escudo leve de vime, arremessavam seus projéteis contra as fileiras inimigas. Depois, os *peltastaí* se retiravam para a retaguarda e a falange avançava de forma ordenada. Muitas vezes, quando a distância entre uma falange e outra era de aproximadamente 200 metros, a marcha se convertia em passos de corrida.

Os guerreiros, pois, estavam unidos pela solidariedade, todos marchavam a um só passo, possuíam uma mesma disciplina, lutavam lado a lado. Os espartanos tinham o hábito de marcharem em silêncio, ao som da flauta. De acordo com Plutarco, era um “espetáculo grandioso e terrificante, ver os guerreiros marcharem à cadência das flautas, sem brecha nas linhas da falange, nem alvoroço nos corações, enquanto a música os conduzia tranquilos e alegres, ao encontro do perigo” (PLUTARCO. **Licurgo** XXII, 4).

Assinale-se que se tem, hoje, um Vaso Coríntio, o *Oinochoe Chigi*, de meados do século VII a.C., cerca de 650-40 a.C., ricamente decorado⁴, que apresenta, em ambos os lados, imediatamente abaixo do gargalo, uma cena de combate entre dois exércitos, cujos guerreiros pareciam avançar em conjunto. Cada lado do vaso forma uma falange hoplítica.

Este Vaso Coríntio constitui a mais antiga forma de representação de uma falange hoplítica. Neste Vaso Coríntio, aparecia não só a figura dos guerreiros como também um *auletés*, ou seja, um homem sem armas, tocando um *aulós*, uma flauta⁵. Pensa-se que os

⁴ Lorimer faz uma interessante exposição a respeito do desenho que aparece no Vaso Chigi, uma vez que todos os acessórios do equipamento hoplítico estão representados de modo nítido (LORIMER, 1947: 80-86).

⁵ Em Homero e na pintura de Vasos do Período Geométrico, duas únicas fontes dos instrumentos gregos de guerra na Idade do Ferro, sugerem que a música não tinha lugar na disciplina mais antiga. O *aulós* é mencionado em Homero pouquíssimas vezes, uma como sendo um instrumento troiano (HOMERO. **Ilíada** X, 13) e a outra referência é vinculado à cena do casamento no escudo de Aquiles (HOMERO. **Ilíada** XVIII, 490-5). Na *Odisséia*, há uma única referência ao *aulós* (HOMERO. **Odisséia** XVIII, 495).

acordes desse instrumento de sopro deveriam marcar o ritmo da marcha dos guerreiros, o que, além de propiciar a manutenção da coesão da falange, incitava o ânimo dos guerreiros para a batalha iminente. Assim, o *auletés* dá testemunho da importância do movimento ritmado na deslocação do exército até o campo de batalha.

O choque entre as falanges era frontal, muito violento e assustador, com muitos gemidos de dor. Nesse momento, buscava-se o impulso necessário para o *othismós*, o *empurrão*. Prensados uns contra os outros, com a cabeça coberta pelo elmo que oferecia uma visão muito limitada, estes guerreiros pouco enxergavam e distribuíam, muitas vezes, golpes ao acaso, atingindo, inclusive, seus aliados. O peso dos escudos da linha de frente, acrescido da pressão dos hoplitas que estavam atrás, provocava, muitas vezes, a *parárrexis*, o *rompimento* da linha adversária.

Se o hoplita fosse ferido ou morto era, imediatamente, substituído pelo hoplita da fileira de trás. Os ajudantes tentavam puxar o corpo do hoplita caído, mas mesmo contra a vontade dos guerreiros, era inevitável o pisoteamento dos corpos dos mortos e feridos.

Quando uma falange inimiga era rompida, os *peltastai* entravam em ação novamente e, por estarem armados levemente, eram muito eficazes na perseguição aos inimigos.

Ressalte-se que havia manobras laterais, com a tendência da falange inclinar para a direita, para o lado oposto ao do escudo, a fim do guerreiro encostar-se em seu companheiro de linha. Geralmente, era nas alas que era decidida a batalha: a primeira ala da direita que triunfasse, provocava a separação da falange inimiga.

Tucídides faz referência a essa tendência da falange de se inclinar para a direita, quando duas falanges inimigas se enfrentavam, pois, por causa do temor, cada guerreiro colocava o seu lado desprotegido o mais possível para trás do escudo que está imediatamente a sua direita, para que, quanto mais juntos estivessem os seus escudos, mais protegidos ficassem. Para o historiador grego, “o primeiro homem da ala direita é o maior responsável por isto, pois ele sempre quer afastar do inimigo o seu lado desprotegido, e os restantes, por idêntico temor, seguem-lhe o exemplo” (TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso** V, 71).

Sublinhe-se que, no fim da batalha, o vencedor entoava o *peã* de vitória em honra de Dioniso e Apolo, e erguia um troféu que poderia ser um pedaço de madeira, decorada com as armas do inimigo.

É bom destacar que os guerreiros hoplíticos eram submetidos, durante anos, a árduo treinamento, a diversos exercícios para controlar seu *phóbos*, *medo* e adquirir resistência física e mental para enfrentar os duros embates da batalha. Assim, os exércitos dos hoplitas vão contar em sua formação com soldados de infantaria poderosos, disciplinados e motivados. Todas as situações de uma luta, como o avançar, o recuar, o marchar em massa, precisavam de muito treino para que a forma de combater em falange pudesse ser eficiente⁶.

No tocante ao equipamento bélico, cabe ressaltar que os hoplitas, além do capacete de metal (que cobria todo o rosto, deixando de fora apenas os olhos e a boca, e que reluzia ao sol e em cima era enfeitado por crinas de cavalo, o chamado penacho), portavam um escudo circular de 80 a 90 cm de diâmetro, feito de bronze ou de uma mistura de madeira, vime e pele conforme já foi dito. Era o escudo seguro por dois cabos, isto é, possuía uma dupla empunhadura: um cabo ficava perto da borda, a *antilabé* e o guerreiro segurava-o com a mão esquerda; o outro, o *pórpax* ficava no centro do escudo e era por onde passava o cotovelo.

Os helenistas enfatizam a importância da segunda empunhadura do escudo hoplítico, ao comentar que o lado direito do hoplita, que ficava descoberto, era protegido por um companheiro de linha, que portava o escudo na mão esquerda e, assim, cada guerreiro defendia o que estava a seu lado.

Não obstante, tem-se o testemunho de um enorme escudo, que cobria várias partes do corpo, e é mencionado no fragmento 11 W, versos 21-4 de Tirteu:

21 Que cada um permaneça de pernas bem abertas,
com os pés apoiados no chão, mordendo os lábios com os dentes,
protegendo as coxas, as pernas, o peito e os ombros,

⁶ Platão menciona danças com armas hoplíticas e outros tipos de dança com armas, mas a mais famosa era uma dança chamada *pírrica*, cujos movimentos ritmados tinham por objetivo evitar os inúmeros golpes desferidos, seja de perto ou de longe. Os futuros guerreiros treinavam também movimentos para recuar, avançar, saltar e atirar-se de lado, comportamentos esses, basicamente, defensivos. Havia também movimentos ofensivos, como imitar o tiro ao arco ou arremesso de dardo ou gestos para treinar um golpe qualquer (PLATÃO. *Leis* 7, 815 a).

com o bojo do largo escudo. (11 W, 21-24)

Snodgrass acredita que o escudo que cobria, simultaneamente, “as coxas, as pernas, o peito e os ombros” (11 W, 23-4) a que Tirteu faz referência, seja um escudo hoplítico (*apud* Adkins, 1985: 77); entretanto, Lorimer não compartilha da mesma opinião que Snodgrass, pois, para a arqueóloga, em somente um curto período da Idade do Bronze, esse tipo de escudo foi usado, no momento em que a influência minoica foi dominante no Peloponeso, isto é, nos séculos XVII e XVI a.C. (LORIMER, 1947: 122).

Campbell ressalta que a expressão “*aspídos euretés gastrí*”, com o bojo do largo escudo (verso 24) parece descrever o mesmo tipo de escudo que ocorre em 19 W, 7 “*koileis aspísi phraxámenoí*”, protegidos com côncavos escudos, e é bastante apropriado ao tipo hoplítico de escudo (CAMPBELL, 1967: 174).

Adkins considera o verso 24 de 11 W excelente, uma vez que há a presença de vocábulos eficientes e bem colocados, e o substantivo *gastér* para a *barriga*, bojo do escudo parece ser uma qualidade em Tirteu. Provavelmente, é uso novo, palavra para um novo formato de escudo e se, for novo, diz o helenista, a “metáfora não é em vão, apesar de num primeiro momento parecer estranho caracterizar o escudo com uma metáfora extraída de alguma parte do corpo” (ADKINS, 1985: 84-5).

Nos versos 25-6 de 12 W, há um outro qualificativo para o escudo, *omphalóessa*, *côncavo*:

25 Muito ferido na frente através do peito,
do escudo côncavo e da couraça. (12 W, 25-26)

Lorimer chama a atenção para esse adjetivo, considerando-o um tanto inapropriado, já que o escudo hoplítico não tinha *omphalós* e sugere que *omphalós* se aplicava ao acabamento no centro do escudo (LORIMER, 1947: 122). Já, para Campbell, o adjetivo *omphalós* deve referir ao fecho de metal que prendia a borda do escudo hoplítico à sua parte de trás (CAMPBELL, 1967: 181).

Detienne enfatiza que se pode atribuir ao escudo hoplítico uma nova conotação, visto que, se para o herói épico é ele, somente, uma peça de seu armamento, podendo ser abandonado para fugir do inimigo, para o hoplita, abandonar seu escudo era uma espécie de traição à solidariedade comum à falange, uma vez que, ao deixar seu posto, o hoplita

contribuiria para o rompimento da falange e seria considerado um desertor (DETIENNE, 1999: 176).

O acessório mais vital, depois do escudo, era a couraça que substituíra as túnicas e era indispensável no momento das manobras e na hora da retirada da falange. A couraça de bronze, que cobria todo o tronco, era composta por duas partes: - frontal e dorsal -, unidas por tiras de couro e ajustada até a cintura, alargando-se depois, para dar mais liberdade aos movimentos. Esta armadura servia para proteger o peito, as costas e a barriga.

A couraça de bronze deve ter sido feita de acordo com as exigências da forma física dos hoplitas, proporcional a seu peso, mas também devia levar em conta o intenso calor do verão grego. Havia ainda, as grevas que recobriam as pernas, do joelho para baixo.

É bom lembrar que, no início da batalha, os hoplitas se enfrentavam com uma lança de madeira, comprida, que tinha cerca de dois metros e meio e era coroada por uma ponta de ferro ou de bronze. Esta lança, que era empunhada em riste, com o hoplita impelindo-a com a força dos braços e ombros, era usada para encontrar brechas na muralha de escudos, de modo a furar as partes desprotegidas do corpo do adversário, quase sempre a virilha; se a lança se partisse, era sacada a espada.

A espada, que era curta, ficava presa na cintura, e era considerada uma arma secundária, sendo afiada em apenas um lado, para enfrentar seus adversários diretos, isto é, para a luta corpo-a-corpo.

A elegia 11 W 29-34 explicitam algumas armas utilizadas pelos hoplitas, a *espada*, *xíphis* (verso 30), uma *grande lança*, *énkhei makrôî* (verso 29) e *dóry makròn* (verso 34). Ora, os versos de 11 W, 25-8 fazem também menção à lança:

25 (que cada um) agite a vigorosa lança na mão direita,
e sacuda o terrível penacho sobre a cabeça,
e realizando ações poderosas, aprenda a atacar
e, com o escudo, não se coloque fora da linha dos dardos. (11 W, 25-28)

Há nesses versos reminiscências homéricas. Adkins destaca que o verso 25 termina com uma expressão muito comum na *Ilíada* “*óbrimon énkhos*”, a *vigorosa lança*, já “*dexiterêi d’ em kheirî*”, na *mão direita*, lembra sintagmas homéricos que empregam o mesmo substantivo e adjetivo (HOMERO. *Ilíada* VII, 108; XIV, 137; XXI, 166-7) (ADKINS, 1985: 90).

Assinale-se que, em Olímpia, foi encontrada pelos alemães, uma proteção para o ombro direito e a parte superior do braço, peças essas muito trabalhadas, que faziam parte de um despojo arqueológico que continha elementos do século VII a.C. e VI a.C.

De um modo geral, como o equipamento completo do hoplita pesava cerca de 40 quilos e que os quilos de bronze do equipamento não podiam ser suportados por muito tempo no calor do verão, os hoplitas vestiam a armadura e os capacetes apenas nos últimos momentos que antecediam a luta.

Ressalte-se que o modo de combater em falange encontra seu prenúncio já em Homero⁷. Pode-se dizer que a falange homérica consiste num grupo compacto de guerreiros que avança em conjunto, em direção ao inimigo, como se depreende de:

Em torno dos dois Ájaces, postavam-se falanges compactas,
que nem Ares, se as seguisse, reprovava,
nem Atena que impele as tropas. Os melhores,
os que se distinguiam, aguardavam os troianos e o divino Heitor.
130 Aproximando lança de lança, escudo de escudo solidamente fixado.
Escudo apoiava-se em escudo, elmo em elmo, homem em homem;
tocam-se elmos, guarnecidos de cauda equina, com brilhantes cimeiras,
quando inclinavam a cabeça, tão unidos se postavam perto uns dos
outros,
as lanças eram agitadas por mãos valorosas. (HOMERO. *Ilíada* XIII, 126-134)⁸

Para expressar a movimentação das falanges no texto homérico, bom exemplo são os versos subscritos, em que o poeta utiliza um símile; compara o avanço da tropa às ondas do mar turbulento:

Como, quando as ondas do mar se elevam sem interrupção
à beira do mar ressoante, movidas por Zéfiro:
primeiro, no alto mar se elevam, depois em terra firme
425 quebram-se com grande estrondo, em torno dos promontórios,
em círculos, se elevam e lançam espumas do mar;
assim, os Dânaos se movem em falanges uma atrás da outra
sem interrupção para a batalha, cada um dos chefes

⁷ A tática predominante dos contingentes aqueu e troiano era o combate em massa; as falanges quando, frequentemente, pressionadas pelo inimigo, desfaziam-se (HOMERO. *Ilíada* V, 93-7; VI, 5-7). Há também duelos singulares (HOMERO. *Ilíada* III 330-339; VII, 206-279) - mas poucos são os que trazem como consequência a morte (HOMERO. *Ilíada* XXII, 248-330) - e o combate à distância (HOMERO. *Ilíada* XIII 712-722).

⁸ O canto XVI versos 215-7 evocam também os versos, sobretudo, 130-3 do canto XIII, cujos vocábulos são semelhantes.

os exorta. (HOMERO. *Ilíada* IV, 422-9)

Pode-se dizer que nos hexâmetros 31-33 do fragmento 11 W de Tirteu ressoam os versos da *Ilíada*, XIII, 130-3, pois as passagens homéricas se referem à formação cerrada da tropa, tal qual Tirteu descreve o estilo hoplítico de lutar. Também o fragmento 19 W, principalmente, os versos 12 a 16 servem de exemplo à formação hoplítica e, além disso, ilustram a luta entre dois grupos inimigos:

Porém, imediatamente, todos juntos, colocados
perto dos homens lanceiros, golpearemos.
Terrível será o barulho vindo de uns e de outros
15 ao se chocarem escudos bem arredondados, contra escudos,
caindo uns sobre os outros. (19 W, 12-16)

Digno de nota são os versos 21-22 do fragmento 12 W; aparece no verso 21 o vocábulo *phálaggas*, *falange* no plural e, no verso 22, o poeta espartano usa a metáfora *kyma mákhes*, *onda do combate*, para expressar o ardor do combate, tal metáfora evoca o símile de *Ilíada* IV, 422-46:

21 Rapidamente, põe em fuga as falanges irascíveis dos inimigos;
com ardor, detém a onda do combate. (12 W, 21-22)

Adkins também chama a atenção para a existência de referências nas elegias de Tirteu, incompatíveis com a falange hoplítica, como a presença de *tropas levemente armadas*, os *gymnêtes*, protegendo-se atrás dos escudos hoplíticos (ADKINS, 1985: 77).

35 Vós, ó soldados de infantaria, protegendo-se cada um,
de um lado e de outro, sob o escudo, lançai grandes pedras,
arremessai contra eles dardos de pedra polida,
colocados perto dos hoplitas bem armados. (11 W, 35-38)

Nos hexâmetros supracitados, há uma antítese: os soldados levemente armados, os *gymnêtes*, contrastando com os bem armados, os *pánoploi*. Os escudos atrás dos quais os *gymnêtes* se escondiam, eram, provavelmente, de propriedade de cada um e eram diferentes dos escudos dos *pánoploi*.

Adkins conclui que seria melhor pensar que, em Tirteu, aparece uma forma rudimentar de uma falange hoplítica e também as armas tinham sido inventadas, mas ainda não haviam sido aperfeiçoadas. Assim é que as táticas, a ordem e a disciplina rígidas que eram necessárias e importantes para o uso bem sucedido da formação em falange ainda não haviam sido completamente desenvolvidas (ADKINS, 1985: 78).

N. G. L. Hammond, comentando a respeito das armas, armaduras e táticas em Tirteu, acredita na possibilidade das guerras messênias não tivessem sido batalhas hoplíticas, mas uma adição de táticas de guerrilha. Já que é necessário que ambos os lados inimigos fossem hoplíticos para que haja uma batalha hoplítica, os espartanos podem ter sido obrigados por seus inimigos a modificarem seus equipamentos e táticas (*apud* CAMPBELL, 1967: 175).

Lorimer destaca que pode-se tomar a expressão “*hyp’ aspídos*”, *sob o escudo* como uma referência a um escudo leve, carregado pelos próprios *gymnêtes*, semelhantes a muitos usados por contingentes que lutavam em longas distâncias no exército de Xerxes e pelos *peltastai* dos exércitos helênicos, conforme Heródoto VII, 74 relata (LORIMER, 1947: 127-8).

O fragmento 23 Wa de Tirteu, proveniente do papiro Oxy. 3316, está muito danificado, parece continuar a descrição das tropas levemente armadas, os *gymnomákhoi* (verso 14):

Muitos homens com lanças atiram
13 com dardos pontiagudos, homens
levemente armados colocam-se diante. (23 a W, 14)

É bom destacar, ainda, que, na produção poética de Tirteu, não é, somente, a fuga que é vergonhosa, *aiskhrón* (10 W 16; 11 W, 3; 12 W, 43-4), mas também a cena de um guerreiro mais velho cair morto nas primeiras filas da falange, na frente dos mais jovens (10 W, 21-2), visto que jaz com as partes pudendas ensanguentadas. Ora, o primeiro sentido de *aiskhrón* se situa no campo da aparência física (CAIRNS, 1999: 161-2).

A ênfase na aparência física é reforçada pela adição de *ophthalmoís*, “para os olhos”, imediatamente depois de *aiskhá*, “coisa vergonhosa” (10 W, 26), é, então, posto em relevo o aspecto visual da cena:

É vergonhoso isto: um homem mais velho, caindo
entre os combatentes das primeiras filas, jazer diante dos jovens

com a cabeça já branca e a barba grisalha,
exalando no pó o ardor varonil,
25 com as partes pudendas ensangüentadas em suas mãos,
coisa vergonhosa para os olhos e detestável de ser vista,
e a pele desnuda. Mas tudo convém aos jovens,
enquanto possuem a brilhante flor da amável juventude,
é digno de ser visto pelos homens; amado pelas mulheres,
enquanto vivo; mas é belo se cair entre os combatentes das
primeiras filas. (10W, 21-30)

Em Tirteu, o *palaiotéros*, o mais velho, *geraiós*, o mais venerável, cuja morte contrasta com a do *néos*, jovem não é o ancião a que Príamo faz referência, para tentar persuadir Heitor a não lutar com Aquiles (HOMERO. **Ilíada** XXII, 66-78); mas é um ancião cheio de vigor que combateu e morreu nas primeiras filas, lugar onde, na falange, deveria ter sido ocupado por um mais jovem.

Há, então, uma matiz de reprovação moral para os jovens. Há ainda uma outra exortação para os *néoi*, jovens, que não deviam abandonar um guerreiro mais velho (10 W, 19-20). Homero também faz menção à força e habilidade dos jovens em oposição à falta de agilidade dos mais velhos (HOMERO. **Ilíada** XIII, 481-4).

De acordo com Adkins, Tirteu não pode fingir que ninguém morre na batalha, mas poucos morrem, quando os guerreiros lutam bravamente ombro a ombro com seus companheiros e ajudam ainda a salvar o *laòn opísso*, a *tropa da retaguarda* (ADKINS, 1985: 82):

Aqueles que, permanecendo junto uns com os outros,
12 ousam ir para o combate corpo a corpo e para as primeiras filas,
poucos morrem, salvam a tropa da retaguarda. (11 W, 11-3)

Pode-se relacionar os versos acima, ao episódio narrado por Heródoto acerca do espartano Aristodamos, que estava entre os trezentos lacedemônios que tinham defendido as Termópilas; foi o único sobrevivente, mas preocupado em livrar-se do opróbrio que os espartanos infligiram a essa sobrevivência, o guerreiro saiu do seu posto, do seu lugar na falange e procurou e encontrou a morte em Platéia, ao realizar façanhas extraordinárias: *lyssôntá te kai ekleíponta tèn táxin érga apodéxasthai megála*, “estando enfurecido e também abandonando seu posto, realizou grandes feitos” (HERÓDOTO. **História**, IX, 71).

Entretanto, apesar de sua valentia, os espartanos não lhe concederam as honras fúnebres devidas aos melhores, isto é, lhe recusaram a *aristéia*, porque violara a lei de permanecer em seu lugar na falange. Possuído pela *lýssa*, por um *furor guerreiro*, combateu furiosamente, fora de seu posto. A ética militar espartana proíbe o estado de furor, de *lýssa*. Aristodamos procurou a morte, ao invés de aceitá-la.

Convém ainda observar que os versos 11 W, 21-2⁹ descrevem bem a posição do hoplita: o soldado devia ficar firme de pé, com ambos os pés plantados firmemente no chão, de modo bem visível.

Como propõe Detienne, o mais importante na falange era “manter o seu lugar na fileira, lançar-se a um só tempo sobre o inimigo, combater escudo contra escudo, executar todas as manobras a um só homem” (DETIENNE, 1999: 161).

A virtude guerreira não pertence à ordem do *thymós*, do *impulso* e sim da *sophrosýne*, a *temperança*, um domínio muito grande, para que o guerreiro pudesse refrear seus impulsos, e não perturbasse a ordem da formação em falange.

A audácia, as atitudes desenfreadas que permitia ao guerreiro realizar grandes ações era uma espécie de um *furor belicoso*, de *lýssa*, onde o guerreiro estava fora de si. O próprio Heitor devido à sua fúria, chegou a ser chamado por Poseidon de *ho lyssódes* “aquele que é semelhante à *lýssa*” (HOMERO. *Ilíada* XIII, 53).

A coragem dos hoplitas não se baseava num furor guerreiro, mas sim numa solidariedade que se resumia em não abandonar seus companheiros e seu posto, afinal, eram *homoioi*, “semelhantes”, no interior da falange, onde teria de haver lugar para a amizade, companheirismo e ajuda mútua.

Sublinhe-se que a adoção da falange abre caminho para a sociedade isonômica, igualitária do século VI a.C., não se processando em toda a parte essa igualdade. À medida que a cidade-estado se constitui como modelo político, os grupos militares aristocráticos, isto é, a elite de guerreiros trocam o feito individual por um combate coletivo em falange.

A propósito, uma das diferenças mais acentuadas entre o mundo de Tirteu e dos poemas homéricos está nas relações do indivíduo com a comunidade, pois os guerreiros de Homero lutam pela glória individual, enquanto os heróis de Tirteu combatem pela

⁹ Versos idênticos a 10 W, 31-2

comunidade, por suas famílias e dependentes¹⁰. O poeta Tirteu é uma referência no estudo acerca da bela morte e um porta-voz do ideal espartano: o morrer em favor da terra, o guerreiro oferece sua vida em prol da cidade.

Convém lembrar que dividir a façanha era praticamente impossível para o herói homérico. Um exemplo muito claro foi quando Aquiles, ao perseguir Heitor, faz um sinal, para que os outros guerreiros aqueus não lançassem nenhum dardo contra o troiano, pois o semideus não queria ficar em segundo plano, queria ele sozinho matar o maior guerreiro troiano (HOMERO. *Iliada* XXII, 207-9). Não obstante, o seu próprio pai, Peleu, o aconselhara a se destacar acima dos outros (HOMERO. *Iliada* XI, 783-4).

Como se infere das elegias 10 W, 11 W, 12 W, 19 W, 20 W e 23 a W de Tirteu, pode-se, então, depreender preciosas informações a respeito da tática de guerra conhecida como falange hoplítica e dos equipamentos bélicos utilizados pelos guerreiros.

Referências Bibliográficas

ADKINS, A. W. H. *Poetic Craft in the Early Greek Elegista*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1985, p. 75-92.

ADRADOS, Francisco Rodriguez. *El Mundo de La Lírica Griega Antigua*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Éd. Revue par L. Séchan et Chantraine. Paris: Hanchette, 2000.

CAIRNS, Douglas L. *Aidós: The Psychology and Ethics of Honores and Shame in Ancient Greek Literature*. Oxford / New York: Oxford Clarendon Press, 1999.

DETIENNE, Marcel. La Phalange: Problèmes et Controverses. In: *Problèmes de la Guerre en Grèce Ancienne*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris: 1999.

GARLAN, Yvon. O Homem e a Guerra. In *O Homem Grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

¹⁰ Assinale-se que há, na *Iliada*, um episódio em que Heitor está claramente, lutando pela sobrevivência de Tróia (HOMERO. *Iliada* XXII, 241-243). Também encontra-se em Calinos este sentimento de amor à terra (1 W, 6-8).

- HANSON, Victor Davis. *Les Guerres Grecques*. Paris: Éditions Autrement, 1999.
- _____. *The Western Way of War – Infantry Battle in Classical Greece*. London: University of California Press, 1989.
- HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.
- KIRK, Geoffrey S. La Guerre et Le Guerrier dans Les Poèmes Homériques. In *Problèmes da la Guerre en Grèce Ancienne*. Paris : Éditons de l' École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1999.
- LORAU, Nicole. *Les Experiences de Tirésias: Le Féminin et l'Homme Grec*. Paris: Gallimard, 1989.
- LORIMER. *The Hoplite Phalanx Whit Special Reference to the Poems of Archilochus and Tyrtaeus*. ABSA, 1947, p. 76-149.
- MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- OLIVEIRA, Luciene de Lima. Os Equipamentos Bélicos dos Heróis Homéricos. *Principia*. Rio de Janeiro: UERJ, vol. XIV, p. 69-79.
- PLATON. *Les Lois*. Paris: Les Belles Lettres, 1951.
- PLUTARCO. *Licurgo*. In: *Vidas*. São Paulo: Cultrix, s/d. p. 13-42.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: UnB, 1986.
- WEST, Martin. *Iambi et Elegi Graeci Ante Alexandrum Cantati*. 2ª edição, New York: Oxford, 1992.